

Conselho Editorial:

José Hélder Pinheiro Alves, da UFCG (Presidente);

Luiz Francisco Dias, da UFMG;

Evandro Silva Martins, da Universidade Federal de
Uberlândia - MG;

Manoel Fernandes de Sousa Neto, da USP.

**Aula de geografia
e algumas crônicas**

Manoel Fernandes

Coleção Linguagem e Ensino

Bagagem
Campina Grande
2008

Foi como resultado dessa experiência que nas aulas de prática de ensino em Geografia, já como professor da UFC, lá pelos idos de 1999, resolvi escrever um ensaio sobre como eram as aulas para mim e para reafirmar por escrito a idéia de que não há fórmulas prontas para o teatro lúdico das operações docentes.

A alegria efetiva em publicar este pequeno livro se deve à esperança de que os professores possam brincar com ele em sala de aula e as crianças e adolescentes possam experimentar com prazer o aprendizado da geografia.

A AULA DE GEOGRAFIA*

Aula inaugural

(Mário Quintana)

É verdade que na Iliada não havia tantos heróis como na
[guerra do Paraguai ...

Mas eram bem falantes

E todos os seus gestos eram ritmados como num balé
Pela cadência dos metros homéricos.

Fora do ritmo, só há danação.

Fora da poesia não há salvação.

A poesia é dança e dança é alegria.

Dança, pois, teu desespero, dança.

Tua miséria, teus arrebatamentos,

Teus júbilos

E,

Mesmo que temas imensamente a Deus,

*Poderia dizer que este texto foi elaborado para os alunos da Prática de Ensino II em Geografia da Universidade Federal do Ceará, no segundo semestre de 1999, mas isso não diria nada. Este texto é para Wellington e James, Thales e Neto, Eliane e Paulo, Pitombeira e Fábio, Hernesto e Décio e ainda para Alexandra e Elieser, companheiros de trabalho. O presente texto foi publicado originalmente com o título *A Aula* na Revista Geografares n. 2, no ano de 2001.

Dança como David diante da Arca da Aliança;
 Mesmo que temas imensamente a morte
 Dança diante de tua cova.
 Tece coroas de rimas...
 Enquanto o poema não termina
 A rima é como uma esperança
 Que eternamente se renova.
 A canção, a simples canção, é uma luz dentro da noite.
 (Sabem todas as almas perdidas...)
 O solene canto é um archote nas trevas.
 (Sabem todas as almas perdidas...)
 Dança, encantado dominador de monstros,
 Tirano das esfinges,
 Dança, Poeta,
 E sob o aéreo, o implacável, o irresistível ritmo dos teus
 [pés,
 Deixa rugir o Caos atônito...

A AULA COMO PROCESSO

A atividade da aula realiza o professor, como se não fosse apenas o professor que fizesse a aula, mas fosse feito por ela. Pensada nesse sentido a aula é processo e não produto, não é uma coisa com finalidade plenamente determinada, ainda que tenha um fim, não é uma coisa que possa se assemelhar à mercadoria que se troca por algo.

Desse modo, a ultrapassagem de uma perspectiva tradicional no âmbito da educação exige que os professores não vejam mais os alunos como se fossem objetos sobre os quais se deposita conhecimento, bem mais que isso, eles são sujeitos do processo no qual se dá a realização processual do próprio professor.

Cai assim, por terra, aquela antiga idéia de que apenas o professor detém o saber e que o restante deve receber esse saber sem questionamentos. Como se os estudantes fossem folhas em branco, recipientes vazios aos quais se deve encher de conteúdos, meros objetos

destituídos de vontade¹.

Por isso, devido a essa concepção, durante muito tempo os professores foram considerados uma espécie diferente de ser – como se fossem “donos da verdade”, “guardiões da verdade”, “legisladores da verdade”. Esse encastelamento provocou aquilo que chamamos de tradição seletiva, ou seja, a repetição, durante séculos, de um conhecimento que não era saber.

Quando digo conhecimento e não saber, estou me apoiando em Marilena Chauí que diz ser o conhecimento algo socialmente instituído, tido como verdade irrefutável e, por isso mesmo, impeditivo para a realização de quaisquer transformações. Já o saber é trabalho instituinte que nada aceita como sendo verdade acabada e, por

¹ “Na concepção bancária da educação, o conhecimento é um dom concedido por aqueles que se consideram como seus possuidores àqueles que eles consideram que nada sabem. Projetar uma ignorância absoluta sobre os outros é característica de uma ideologia de opressão. É uma negação da educação e do conhecimento como processo de procura. O professor apresenta-se a seus alunos como seu ‘contrário’ necessário: considerando que a ignorância deles é absoluta, justifica sua própria existência.” (FREIRE, 1980, 79).

isso mesmo, está preocupado em compreender o que o conhecimento instituído tenta encobrir.²

O professor, pensado nessa perspectiva, é menos aquele que professa um conhecimento instituído e mais aquele que produz um saber instituinte. Por isso é impossível, ou quase, aceitar que exista aquele professor que não queira, antes de mais nada, vir a saber, o que exige dele uma atividade permanente de investigação.

Desse modo o professor não é portador apenas de um conhecimento que se reproduz desde o primeiro poema homérico, mas portador de um saber que ainda não é e, logo, que reclama existência criadora, isto é, exige *ser*. Por isso, o professor não é apenas aquele que traduz os textos para os alunos, como propõe Samir Meserani Curi³; o professor é criador de um novo texto, às vezes não escrito, que ocorre no interior mesmo da sala de aula. O professor deve ser menos um mero repassador

² (CHAUÍ, 1981, 05)

³ “Em resumo, o professor é um tradutor das fontes de conhecimento para seus alunos.” (CURI, 1995, 149).

daquilo que se instituiu como verdade e mais o sujeito capaz de relativizar as verdades a partir do saber social contido na realização do seu próprio fazer histórico.

E qual o lugar social em que o professor se realiza como ser? Dentro da sala de aula, na aula. Por isso a aula é antes de mais nada sonho e trabalho, imaginação criativa e dança, poesia e luta, como na *Ilíada* de Homero.

A imagem, entretanto, que se tem da aula, para muitos, é a imagem da morte. Aquele lugar fúnebre onde toda a vida deixou de existir, onde apenas foram paralisados os movimentos em torno dos objetos imobilizados pela desesperança, onde o professor foi completamente esvaziado de sua auto-estima e agarra-se ao livro por detrás de sua mesa infestada de cupins, como o naufrago que jamais se salvará do afogamento e espera conformado a visita de Hades – o deus da morte⁴.

E por pensar diferente é que as aulas são

⁴ “Quando os três filhos de Crono partilharam a herança paterna, o mar escumante, diz Homero, coube a Posídon, o Céu imenso, com todas as nuvens, foi o apanágio de Zeus, e Hades ou Plutão

para mim aquele momento e lugar em que devemos dar o melhor de nós e despertar o que há de melhor nos outros. A aula como celebração da vida e não da morte, como diálogo criativo, como vir-a-ser e não como tendo sido sempre, como luta contra tudo aquilo que nos oprime e não como entrega ao que nos oprime.

Assim, à moda da antiga ágora, a aula é o lugar onde se realiza uma permanente luta política e ideológica. Abrir mão desse lugar implica em aceitar a realidade que ora nos submete a uma péssima formação, a baixos salários, a condições aviltantes de trabalho, à privatização do ensino, à repetição extenuada dos mesmos mecanismos de dominação.

Por isso é preciso lutar contra uma idéia que tem se tornado lugar comum: a de que só aqueles que nada sabem fazer vão para a sala de aula, tornam-se professores. Essa briga é ideológica

obteve, como domínio próprio, o mundo subterrâneo. Vivendo constantemente no seio da noite espessa e profunda, confinado para sempre num império de insondável tristeza, Hades, coberto por um elmo que o tornava invisível, era o sombrio rei do reino dos mortos.” (MEUNIER, 1994, 91)

porque os professores só podem realizar-se plenamente quando tem garantidas suas mais elementares condições de existência, sem essas garantias básicas há, desde o princípio, o que poderíamos chamar de um fracasso escolar dos professores, que devem considerar a si como incapazes de realizar aquilo que os faz ser. Por isso a luta por uma valorização dos profissionais em educação.

Por essas razões, acredito que não há fórmula pronta para a sala de aula e para a atividade professoral. Dizer como dar uma aula ou como devem ser suas aulas é como negar tudo aquilo em que efetivamente acredito. E poderia até lhes perguntar se devemos oferecer as pessoas apenas aquilo que elas esperam de nós ou se devemos surpreendê-las permanentemente. E surpreender naquele sentido de trazer a tona aquilo que se encontra submerso em nosso mais profundo inconsciente.

Ao invés de tratá-los como incapazes e fornecer-lhes instrumentos com os quais vocês

devem se adaptar, imagino que é preciso tratá-los como capazes de se instrumentalizar para a vida, como criadores acima de tudo e como criadores que são críticos de tudo aquilo que se apresenta como verdade inconteste.

Trocando em miúdos, hoje, muitas são as técnicas que fazem os professores, mas poucos são os professores que lutam contra a ditadura da técnica. A técnica é importante, mas que técnica?

Problematizando a questão das técnicas

Uma técnica, qualquer uma, não pode deixar de ser considerada como um artefato histórico, cultural e social. Histórico porque a história da humanidade é, de certo modo, como já disse Jacques Ellul, uma história das técnicas – apontar o lápis com uma gilete ou matar milhões com uma bomba atômica são técnicas que devem ser historicamente situadas, datadas e tidas com finalidades contextuais dadas. É cultural porque está

baseada nos cultos e ritos que reproduzem, cotidiana e historicamente, a experiência que dá identidade diferenciada aos mais distintos povos dos mais variados lugares do mundo. A técnica é social porque é produzida e aceita, ou imposta, pela ou para a sociedade como um todo e porque não há técnica que não seja relacional, pois é por meio de uma infinidade de técnicas que nos relacionamos com os outros – sejam elas de tortura, como as utilizadas durante os anos de chumbo da ditadura no Brasil; sejam aquelas do Kama Sutra para a inigualável arte do amor.

E, repetindo um velho ditado popular, se lhes der o peixe como aprenderão a pescar? E ainda que lhes desse a vara para pescar, imagine o que ocorreria se os peixes descobrissem que por traz das iscas se escondem anzóis? As técnicas se tornam obsoletas às vezes, as vezes são obsoletizadas. Por isso não há técnica que não seja, também, opção política.

Vejam o caso da produção agrícola. O que hoje mais nos mata é aquilo que nos alimenta. Nunca

como dantes pudemos produzir tantos alimentos, entretanto nunca houve tanta fome no mundo como hoje há. O veneno contido nos grãos, a mutação genética dos transgênicos, a destruição das condições ambientais mínimas para a sobrevivência. Entretanto, para além de tudo que foi produzido pela biotecnologia no diapasão capitalista não se pôde ainda superar certas culturas milenares dos aborígenes da América do Sul, seja quanto a conservação da biodiversidade, seja quanto a estabilidade do biosistema.

Bem, as técnicas para a sala de aula são assim, tudo isso: técnicas. Como planejar uma aula? Como executar uma aula? Como avaliar os resultados que uma aula produziu? As técnicas devem responder a esses problemas, mas eles não existem, *a priori*, fora da sala de aula, da luta político-ideológica, da experiência, da história.

De Algumas Perguntas Indispensáveis

O importante é que o professor antes de estar disposto a dar respostas deve fazer a si mesmo uma série de perguntas: a quem ensinar? O que ensinar? Quando ensinar? Como ensinar?

A quem ensinar? Esta pergunta reafirma quase tudo que já disse, a sua complexidade é cultural, etária, social, política. Ensinar em uma escola com maioria judia, não é o mesmo que ensinar em uma outra de maioria palestina, além do que é preciso respeitar as minorias e respeitá-las não apenas por ser minoria numérica, mas porque elas são a expressão de opções que precisam ser respeitadas. Ensinar para crianças não é o mesmo que ensinar para adolescentes, como não é o mesmo que ensinar para adultos. Ensinar na periferia para jovens trabalhadores que só frequentam a escola a noite, não é o mesmo que ensinar para jovens que construíram suas relações sociais mais profundas fazendo compras nos shopping centers. Ensinar a trabalhadores rurais é uma opção política diferente de ensinar aos filhos dos empresários da soja, o que implica em dizer que o professor faz uma opção

política no momento mesmo em que se compromete a ensinar algo a alguém.

O que ensinar? Essa é uma pergunta que exige sólida formação profissional, porque sua natureza é eminentemente epistemológica. Por exemplo, o que ensinar em Geografia? Bom, se a formação profissional for desqualificada, os professores tenderão a ver nos livros e nos currículos prescritos a sua tábua de salvação e reproduzirão exatamente aquilo que está colado às páginas. Por isso a primeira coisa a pensar é exatamente sobre aquelas coisas todas que ficaram de fora, que não se propôs formalmente que fossem ensinadas. Porque se nós não tomamos consciência do que estamos ensinando, não somos nós que ensinamos, mas o livro e o currículo manifesto⁵ que nos tomam como se fossemos corpos vazios do qual se apodera um espírito estranho.

⁵ O currículo manifesto é o mesmo que currículo formal. Sobre o assunto seria interessante recorrer a discussão sobre Teoria do Currículo realizado por estudiosos como Tomaz Tadeu da Silva, Antonio Flavio Moreira, Henri Giroux, Paul Maclaren, dentre outros.

O que ensinar, portanto, exige um duro trabalho de pesquisa, baseado em uma crítica imanente e contínua, que não aceita nenhum conhecimento *a priori* e por isso mesmo quer saber sempre a origem do discurso e suas mais variadas finalidades. Caso não façamos essa opção poderemos estar incorrendo no equívoco de, muitas vezes, reproduzirmos boa parte das visões estereotipadas de mundo, ainda que não tenhamos consciência disso. Assim a opção por tornar-se consciente daquilo que se ensina é uma opção política.

E por que uma opção política? Porque aquilo que estamos a ensinar pode desencadear o preconceito racial, a intolerância para com certas opções sexuais, a justificativa dos sistemas de poder instituído, as máscaras sociais que estão postas atrás do discurso dos que teimam em não aparecer.

O que ensinar constitui-se assim de uma importância que é de vida ou de morte. Ou vocês esqueceram que os geógrafos franceses acusaram os professores de Geografia da Prússia de terem

sido os responsáveis pela vitória prussiana na guerra contra a França? Ou que Lacoste nos ensinou que a guerra do Vietnã foi cirurgicamente criminosa?

Por isso pode-se optar por trabalhar a noção de escala nas representações cartográficas considerando apenas suas relações matemáticas ou analisá-las sob a ótica da cultura, da política, da ideologia. Em outras palavras, a aula de Geografia pode contribuir para fazer as pessoas pensarem sobre suas imagens de mundo, o modo como foram construídas, as razões pelas quais se mantêm e as maneiras outras de imaginar esse mesmo mundo.

E quando ensinar? Essa é uma pergunta que nos obriga a pensar o tempo continua e descontinuamente. Continuamente porque há uma sequência cumulativa no processo de aprendizagem: aprende-se isso e depois aquilo, a pedra e depois a roda, a roda e depois as asas, as asas e depois os túneis do tempo. Entretanto, há também um tempo descontinuo que se impõe vez ou outra, no sentido de que há coisas, processos que se dão por saltos, como na mítica história de Newton em que a maçã

se transformou em símbolo da lei da gravidade – assim é preciso que haja tempo para a sensibilidade das maçãs, para ensinar coisas que permitam saltos, bem como respeitar seqüências cumulativas, sem jamais considerá-las como restritivas, rígidas e intransponíveis. As seqüências existem também para serem quebradas, refeitas, reformuladas e, porque não, invertidas, rearranjadas.

Além disso, *quando ensinar*, implica em pensar que aquilo que será dito pelo professor será minimamente entendido pelos estudantes, senão o diálogo não se realizará. Por exemplo, imagine um professor querer ensinar a crianças de quatro anos projeções azimutais ou o conceito marxista de modo de produção?

Por isso o *quando ensinar* considera a distribuição continua e descontinuamente, social e etariamente, psíquica e eticamente. Por exemplo, quando tratar do uso de preservativos como regra básica para uma vida sexual tranqüila e saudável? Há quinze anos atrás nem se discutia sexualidade em sala de aula, mas hoje não discutir pode significar

o mesmo que estar condenando milhões de adolescente à morte. Logo, *quando ensinar* implica em fazer opções culturais, éticas, políticas, ideológicas e econômicas.

E como ensinar? Eis a pergunta que muitas vezes se encobre com os procedimentos técnicos. Ensinar através de transparências, mapas, poesias, material reciclado, textos, etc. Não é essa, entretanto, a resposta que devemos ser levados a dar. A questão é outra, é de prática social. Podemos, com a nossa prática, contribuir para formar de modo autoritário pessoas submissas, destituídas de capacidade crítica, disciplinadas para os sistemas sociais instituídos.

Caso tratemos os estudantes como ignorantes, pessoas que nada sabem, meros receptáculos do conhecimento, então muitos deles vão aprender a ser ignorantes, a agir como ignorantes e a viver alienadamente. O *como ensinar* implica em estabelecermos que atitudes gostaríamos de vê-los tomando diante da vida, o que dependerá de nossas atitudes dentro e fora da sala de aula,

das posturas políticas e éticas por nós assumidas, no dia-a-dia e historicamente.

E assim, o uso desse ou daquele procedimento em sala de aula implica em compartilhar com os outros o que nós somos. Estamos ali inteiramente com nossa história de vida, nossas angústias, nossas opções sexuais e religiosas. E se nos dermos conta disso podemos ver os estudantes como parte da nossa vida, companheiros de trabalho, pessoas com as quais compartilhamos sentimentos. Ou vê-los como objetos que manipulamos e dos quais nos servimos para controlar, porque o compromisso de alguns muitas vezes não vai além da manutenção precária e aviltante de uma vida que se deu por vencida.

Um ato de amor e de luta

Por todos esses motivos dar aulas não é para descomprometidos, nem para qualquer um. Ser professor exige muito mais e não apenas aquilo que se tornou idéia comum entre nós – a idéia de que

qualquer um pode tornar-se professor.

A aula, toda ela, todas elas, deve ser um ato de amor, uma dança, um orgasmo múltiplo, um gozo ensurdecador, uma festa, um ato político, uma manifestação de indignação contra as injustiças. Aqueles que não vêem isso em uma aula, aqueles que jamais se arrepiaram com a descoberta de um dos seus alunos, aqueles que jamais souberam o que é velar à noite as palavras do dia seguinte, jamais saberão, jamais sentirão o prazer que a profissão de professor pode proporcionar.

Porque é preciso dizer, às vezes ironicamente, como o fez Mário Quintana, que só houve assassinos e nenhum herói na Guerra do Paraguai, que foi destruído pelo imperialismo britânico com as mãos de argentinos, uruguaios e brasileiros.

A luta para ser professor é homérica, como na *Ilíada*. Às vezes uma luta com palavras, como na *Ilíada*. Mas como na poesia *Aula Inaugural*, de Quintana, penso que aula é poesia. Assim, tomar consciência disso talvez seja como seguir o exemplo

do Operário em Construção de Vinícius de Moraes e “crescer em alto e profundo,/ em largo e no coração”.

BIBLIOGRAFIA

- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. 2ª ed. São Paulo, Moderna, 1981
- CURI, Samir Meserani. *O Intertexto Escolar: sobre leitura, aula e redação*. São Paulo, Cortez, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo, Editora Moraes, 1980.
- _____. *Educação Como Prática da Liberdade*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- GIROUX, A Henry. *Os Professores Como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- LACOSTE, Yves. *A Geografia - Isso Serve, Em Primeiro Lugar, Para Fazer a Guerra*. pirus, 1988.
- MEUNIER, Mário. *Nova Mitologia Clássica*. A legenda dourada – história dos deuses e heróis da